

Cadernos Teologia Pública



O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo

Massimo Borghesi

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XV • número 132 • volume 15 • 2018

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**O pensamento de Jorge Mario Bergoglio.
Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo**

***The thought of Jorge Mario Bergoglio.
The challenges of the Church in the contemporary world***

Resumo

A conferência ilustra a gênese do pensamento de Jorge Mario Bergoglio, os mestres argentinos e europeus que, dentro da Companhia de Jesus, contribuíram para a sua formação. Entre estes, um papel particular é desempenhado por Gaston Fessard, o grande autor jesuíta francês de *La dialectique des exercices spirituelles de saint'Ignace de Loyola*, um livro que o futuro papa leu com grande atenção. A partir dessa leitura, surge uma visão dialética, polar, para a qual a Igreja aparece, em um mundo dividido, como a *complexio oppositorum*, a unidade daqueles opostos que, no plano histórico, tornam-se contradições, fonte de guerra. O “pensamento tensionante” de Bergoglio, que se alimenta também do estudo do pensamento polar de Romano Guardini, é um modelo de paz, que, como mostra seu pontificado, propõe a unidade entre *kerygma* e moral, entre Misericórdia e verdade.

Palavras-Chave: Jorge Mario Bergoglio; Dialética; Igreja.

Abstract

The conference illustrates the thought genesis of Jorge Mario Bergoglio, the Argentine and European masters who within the Society of Jesus, contributed to his formation. Among these, a particular role is played by Gaston Fessard, the great French Jesuit author of *Loyola's La dialectique des exercices spirituelles de saint'Ignace*, a book that the future pope read with great attention. From this reading, a polar and dialectical vision emerges, to which the Church appears, in a divided world, as the *complex oppositorum*, the unity of those opposites that, on the historical plane, become contradictions, source of war. Bergoglio's “tensioning thought”, which also draws on Romano Guardini's study of polar thought, is a model of peace, which, as his pontificate shows, proposes a unity between *kerygma* and morality, between Mercy and truth.

Keywords: Jorge Mario Bergoglio; Dialectic; Church.

O pensamento de Jorge Mario Bergoglio.

Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo

Massimo Borghesi

Professor de Filosofia Moral no Departamento de Filosofia, Ciências Sociais,
Humanas e da Formação da Universidade de Perugia, na Itália

Tradução: Ramiro Mincato

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XV – Vol. 15 – Nº 132 – 2018

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- .
v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014).
ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública:
Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo

Massimo Borghesi

Professor de Filosofia Moral no Departamento de Filosofia, Ciências Sociais,
Humanas e da Formação da Universidade de Perugia, na Itália

1. A Igreja como *coincidentia oppositorum*. Um pensamento inquietante

O título do meu trabalho pede para pôr em relação o pensamento de Jorge Mario Bergoglio com os desafios da Igreja no mundo contemporâneo. Como se sabe, muitos católicos, na Europa e nos Estados Unidos, não acreditam que o Papa tenha “pensamento” próprio. Julgam-no um perigoso “populista” sul-americano, desprovido das categorias do pensamento moderno ocidental, inadequado para

o ministério petrino. Meu livro ***Jorge Mario Bergoglio. Uma biografia intelectual***, que deverá sair em breve, no Brasil, pela Editora Vozes, pretende refutar radicalmente este preconceito. Os jesuítas não têm apenas formação local, mas também internacional. Quando o jovem Bergoglio estudou Filosofia e Teologia no Colegio Máximo San José, na cidade de San Miguel, na província de Buenos Aires, entre 1958 e 1971, suas leituras incluíam os principais intelectuais jesuítas da época. Entre eles, os da área francesa desempenharam papel de destaque: **Henri de Lubac**,

Michel de Certeau e, acima de tudo, **Gaston Fessard**. Fessard é autor de um comentário sobre os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, publicado por Aubier, em 1956, que exerceu grande influência sobre o jovem jesuíta argentino. Como o papa Francisco me confessou:

Mas o escritor [...] que teve grande influência sobre mim foi **Gaston Fessard**. Li, várias vezes, *La dialectique des Exercices spirituels de saint Ignace de Loyola*, e outras obras dele. Deram-me diversos elementos, que depois se misturaram¹.

É uma declaração de grande importância. Bergoglio indica aqui o principal autor de sua formação, o jesuíta da escola de Lyon, amigo fraterno de **Henri de Lubac**. Fessard estudou Hegel por muito tempo, confrontou-se com seu pensamento. Sua formação, porém, dependia de **Maurice Blondel**, o filósofo de *L'Action*. De Blondel deriva a concepção dialética e dinâmica do espírito humano, usado como alternativa àquela hegeliana. Deste ancestral blondeliano deriva, através de Fessard, o modelo dialético com o qual Bergoglio, de modo original, formou seu pensamento. Trata-se de um ponto

¹ PAPA FRANCISCO, gravação de áudio (3 de janeiro de 2017), in: BORGHESI, M., *Jorge Mario Bergoglio. Una biografia intellettuale*, Milano: Jaca Book, 2017, p. 33.

importante para se compreender a gênese do pensamento do autor, *um pensamento bastante devedor ao blondelismo da Escola Jesuítica de Lyon, a de Fessard e De Lubac*. O que precisa ser esclarecido é a fonte, ou seja, de quem o jovem Bergoglio recebeu o interesse pelo volume de Fessard? Uma leitura não certamente fácil para um jovem estudante. Provavelmente o recebeu do professor de Filosofia **Miguel Angel Fiorito**. **Juan Carlos Scannone**, em 2015, foi o primeiro a formular a hipótese da convergência entre Fessard e Fiorito na inspiração de Bergoglio.

A coincidência entre a interpretação dos Exercícios de Gaston Fessard e a do jesuíta argentino Miguel Angel Fiorito é reconhecida, pelo menos oralmente, por ambos; e, por outro lado, é conhecida a veneração de Bergoglio pelo segundo, que na Província Jesuítica Argentina todos chamavam de “o mestre”, devido a sua compreensão da espiritualidade inaciana².

Fiorito é quem revela a Bergoglio a importância do comentário de Fessard sobre os *Exercícios de Santo Inácio*. Em artigo de 1957, Fiorito, comentando o

² SCANNONE, J.C., *La filosofia dell'azione di Blondel e l'agire di papa Francesco*, “La Civiltà Cattolica”, 3969 (2015), p. 216.

assim chamado elogio sepulcral inaciano – “*Não ser limitado por aquilo que é maior, nem ser contido por aquilo que é menor, isto é divino!*” –, escreve:

O (assim chamado) elogio sepulcral de Santo Inácio contém duas frases complementares [...]. A primeira frase (***non coerceri a maximo, contineri tamen a minimo, divinum est***) quer destacar uma característica fundamental da espiritualidade inaciana [...], porque expressa dialeticamente – por oposição de contrários – as dinâmicas fundamentais da alma santa de Inácio, que sempre aponta ao ideal mais alto, Deus, e se preocupa, entretentes, com os particulares menores do plano divino³.

Explicando o sentido disso, Bergoglio escrevia que “Poderíamos traduzi-lo assim: não recuar diante do que é mais elevado, curvar-se para recolher o que é aparentemente pequeno no serviço de Deus; ou, tendendo para o que está mais longe, preocupar-se com aquilo que está mais perto. Aplica-se à disciplina religiosa ([...]) e é útil para caracterizar dialeticamente (no sentido adotado por Fessard) a espiritualidade inaciana”⁴. O lema

inaciano analisado por Fessard em ***La dialectique des ‘Exercices spirituels’ de saint Ignace de Loyola*** torna-se, para Bergoglio, expressão da tensão polar que anima a espiritualidade de S. Inácio⁵. Bergoglio lembrará constantemente do lema inaciano que poderia ter lido tanto em Fessard quanto em Fiorito. Como dirá o Papa: “Sempre me impressionou a máxima com que se descreve a visão de Inácio: *Non coerceri maximo, contineri tamen a minimo, divinum est*. Pensei muito sobre essa frase em relação ao governo, em ser superior: não ser restrito pelo espaço maior, mas ser capaz de permanecer no espaço mais estreito. Esta virtude do grande e do pequeno é a magnanimidade, que do lugar onde estamos nos faz sempre olhar para o horizonte. Significa fazer as pequenas coisas, de todos os dias, com grande coração, abertura a Deus e aos outros. É ser capaz de valorizar as coisas pequenas dentro dos grandes horizontes, aqueles do Reino de Deus”⁶.

-
- 3 FIORITO, M.A., *Teoría y práctica de G. Fessard*, cit., pp. 350-351, cit. in: BERGOGLIO, M. - PAPA FRANCISCO, *Nel cuore di ogni padre. Alle radici della mia spiritualità*, cit., nota 4, p. 282.
- 4 BERGOGLIO, M. - PAPA FRANCISCO, *Meditaciones para religiosos*. Buenos Aires: Ediciones Diego de Torres, 1982, tr. it., *Nel cuore*

di ogni padre. Alle radici della mia spiritualità, Milano: Rizzoli, 2014, p. 282, nota 4.

- 5 Cfr. FESSARD, G. *La Dialectique des “Exercices spirituels” de Saint Ignace de Loyola*, I, Paris: Aubier, 1954, pp. 210ss.
- 6 PAPA FRANCISCO, *La mia porta è sempre aperta. Una conversazione con Antonio Spadaro*, Milano: Rizzoli, 2013, p. 27.

A dialética entre o grande e o pequeno, a tensão que caracteriza a fé e a espiritualidade de Inácio, torna-se o elemento fundamental para compreender Bergoglio. De fato, a “dialética” dos *Exercícios Espirituais* inicianos de Fessard, através de Fiorito, tornou-se, para o jovem estudante, leitura de referência. Esta perspectiva o remete para ulteriores leituras determinantes na sua formação. Fiorito e Fessard fizeram-no sentir a “polaridade”, a *oposição dos contrários*, que guia a alma inaciana. Desta intuição vem o resto. Um pensamento “tensionador”, não estático, um pensamento de *mendicância*, não fechado ou voltado sobre si mesmo. O modelo é o de uma dialética polar que impulsiona o homem para o aberto, para a presença do Deus cada vez maior. De Fessard, do seu pensamento antinômico, Bergoglio será conduzido, em 1986, a descobrir a antropologia polar de **Romano Guardini**, autor de sua tese doutoral nunca terminada, que marcará profundamente o pensamento do autor. **Fessard, Guardini**, em seguida **Henri de Lubac** e **Erich Przywara**, mestres ideais de Bergoglio, todos vêm de **Adam Möhler**, o brilhante teólogo da Escola de Tubinga. O que os une é uma ideia de Igreja como *complexio oppositorum*, como a união de opostos, que, em termos de natureza e história, tendem a ser conflitantes,

irreconciliáveis. É a ideia que Bergoglio compartilha com seu amigo **Alberto Methol Ferré**, o brilhante intelectual católico uruguaio, também influenciado pelo trabalho de Fessard. Como Methol escreveu em 1975:

Seria sobre-humano compreender plenamente que a Igreja é a ‘*coincidentia oppositorum*’. Algumas dimensões reais permanecem sempre na penumbra ou no esquecimento. A Igreja tem essencialmente dois polos, nascidos do Espírito de Deus e de Jesus Cristo, nos Apóstolos. É visível e invisível, em um único respiro indissolúvel. As eclesiologias tendem a acentuar um dos opostos: ora tendem à “espiritualização”, ora, à “encarnação”. A ênfase colocada em um polo leva ao desvio e à heresia, quando se torna oposição contraditória, se não admitir o movimento retificador, corretivo. Não se pode desatar qualquer um dos dois polos, mas é humanamente impossível não dar uma certa supremacia a um deles. O equilíbrio é sempre instável, móvel, renovado. Se ele se romper, a Igreja não pode “respirar”, e depois se dissolverá em místicas abstratas ou ficará atolada em formas institucionais. Espírito sem instituição, ou instituição sem Espírito, são falsas oposições que destroem a Igreja. Um risco sempre presente. Tentações perenes. O movimento eclesiológico deste século torna-se claro: da plena visibilidade ao puro anonimato. As extremidades visíveis, sem Espírito, se endurecem, e congelam a história. As extremidades invisíveis afastam a Igreja da realidade histórica, tornam-se idealismos a-his-

tóricos, subjetivismos de “almas lindas”, narcisismos em imaginárias “autenticidades” mascaradas de profetismo acima da Igreja visível, histórica⁷.

2. Gnosticismo e pelagianismo. A graça vem primeiro

O que escreve Methol Ferré expressa bem o ponto de vista de Bergoglio, que, como jovem provincial dos jesuítas, nos últimos anos da década 70, esforçou-se em todos os sentidos para unir a Companhia de Jesus a partir da extrema polarização entre a direita pró-militar e a esquerda revolucionária. A Companhia de Jesus, como a Igreja, tinha que manter a tensão da *complexio oppositorum*, tinha que unir, não dividir. Ele teve, à luz do Concílio e do magistério de Paulo VI, que amarrar evangelização e promoção humana, contemplação e ação, cuidado da religiosidade popular do *povo fiel* (desprezado pelos liberais) com compromisso com a justiça (desprezado pelos conservadores). Ele tinha que cuidar da cidade, mas a partir da periferia, como ensinava **Amelia Podetti**, a partir dos pobres, dos descartados. E isso de

⁷ METHOL FERRÉ, A., *La Chiesa, popolo fra i popoli*, tr. it. in ID., *Il Risorgimento Cattolico Latinoamericano*, Bologna: CSEO, 1983, pp. 148-149.

acordo com a visão evangélica do samaritano, não de acordo com a ideologia marxista da práxis. Essa é a visão que guiou Francisco nos cinco anos de seu pontificado e orientou seu olhar sobre a Igreja contemporânea. O catolicismo, como unidade antinômica dos opostos, deve ter o cuidado de corrigir os desvios espirituais, os processos histórico-espirituais que tendem, mesmo dentro da Igreja, a absolutizar uma polaridade. Essas correções também explicam as reações daqueles que, sentados em ocupação de espaços definidos, se sentem destronados pela pregação e pelo testemunho do Papa.

Para Francisco, o clericalismo é um dos perigos óbvios da Igreja de hoje. Uma Igreja que, após o desaparecimento do adversário comunista, em vez de se abrir para uma renovada temporada missionária, tende a se fechar, para buscar círculos protegidos, para fugir de um mundo considerado hostil e alheio. Segundo o Papa, os dois grandes riscos que atravessam o catolicismo contemporâneo são representados pelo gnosticismo e pelo pelagianismo. Ambos ignoram o papel da graça na vida cristã. Eles expressam secularização *dentro* da Igreja, não fora dela. De acordo com Francisco, o perigo para a fé hoje não vem tanto e não apenas das ideologias mundanas, mas da mundanização *interna* da própria Igreja.

O “mundo” está dentro da Igreja e não simplesmente “fora”. Nisto Francisco reflete plenamente a persuasão de Henri de Lubac, um dos seus grandes mestres ideais.

Escrevia de Lubac em *Meditation sur l'Église*:

Mas o maior perigo para a Igreja – para nós, que somos a Igreja – a tentação mais pérfida, aquela que sempre renasce, insidiosamente, quando todas as outras foram vencidas, alimentada, antes, por essas vitórias, é o que **Dom Vonier** chama de “**mundanidade espiritual**”. Com isto queremos dizer, disse ele, uma atitude que se apresenta praticamente como um desapego do outro mundanismo, mas cujo ideal moral e até espiritual não é a glória do Senhor, senão o homem e sua perfeição. Uma atitude radicalmente antropocêntrica; eis o mundanismo do espírito⁸.

Pelagianismo e gnosticismo são expressões desse mundanismo espiritual hoje. O Papa fala sobre isso repetidamente. Na *Evangelii Gaudium*, nos parágrafos 93-97, em seu discurso à Igreja italiana de 10 de novembro de 2015, no segundo capítulo da Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*. São também referidos na Carta *Placuit Deo*, datada de 22 de fevereiro de 2018, da Congregação para a Doutrina da Fé. Constituem os hábitos

mentais que impedem a dimensão missionária da Igreja, a consciência que deveria ter que levar o dom da graça não é mérito seu, não é obra sua. Gnose e pelagianismo favorecem, ao contrário, o clericalismo, uma pretendida perfeição imanente devido ao raciocínio ou ao operar humano. Eles se opõem à graça, ao primado da graça. Francisco, com sensibilidade social muito forte, é, em sua raiz, um espiritual, um místico. O agir cristão no mundo fundamenta-se sobre uma constante demanda dos seres humanos pela presença de Deus. Gnósticos e pelagianos, pelo contrário, levam a cabo um projeto que, em nome de Deus, é radicalmente antropocêntrico. Do ponto de vista inaciano, buscam a própria glória, não a divina. Na *Evangelii gaudium* afirma-se:

Este mundanismo pode alimentar-se, sobretudo, de duas maneiras profundamente relacionadas. Uma delas é o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, em que apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. A outra maneira é o neopelagianismo autorreferencial e prometeu de quem, no fundo, só confia nas próprias forças

8 DE LUBAC, H., *Meditation sur l'Église*, Paris: Aubier 1953, tr. it, *Meditazione sulla Chiesa*, Milano: edizioni Paoline, 1955, p. 446.

e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a certo estilo de católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá origem a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, analisam-se e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias controlando. Em ambos os casos, nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente. São manifestações de um imanentismo antropocêntrico. Não é possível imaginar que dessas formas desvirtuadas de cristianismo possa brotar um autêntico dinamismo evangelizador⁹.

Para esta nova gnose, a fé hoje dependeria da tutela da “reta doutrina”, por parte de uma *elite* de ortodoxos que veem em toda parte, na Igreja e no mundo, sementes de corrupção e decadência. Somente eles mantêm a pureza da fé neste mundo perverso. Não é difícil compreender nesta pretensão “elitista” a reação dos tradicionalistas na Igreja de hoje. Para estes fanáticos, que não se misturam com os “impuros”, toda a Igreja do Concílio Vaticano II é marcada por um inexorável caminho de decadência. Só eles permanecem nas sombras, guardando a luz que vol-

tará a brilhar. Em *Gaudete et exultate* Francisco afirma que “Concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, em última análise preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo”¹⁰. Na ***Evangeli*** ***gaudium*** o Papa escreve que:

Neste contexto, alimenta-se a vanglória de quantos se contentam com ter algum poder e preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados dum batalhão que continua a lutar. Quantas vezes sonhamos planos apostólicos expansionistas, meticulosos e bem traçados, típicos de generais derrotados! Assim, negamos a nossa história de Igreja, que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho fadigoso, porque todo o trabalho é ‘suor do nosso rosto’. Em vez disso, entretemo-nos vaidosos a falar sobre ‘o que se deveria fazer’ – o pecado do ‘*deveriaqueísmo*’ – como mestres espirituais e peritos de pastoral que dão instruções ficando de fora. Cultivamos nossa imaginação sem limites e perdemos o contato com a dolorosa realidade do nosso povo fiel. Quem caiu neste mundanismo olha de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, faz ressaltar

9 PAPA FRANCISCO, *Evangeli* *gaudium*, n. 94.

10 PAPA FRANCISCO, *Gaudete et exultate*, n. 37.

constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência. Circunscreveu os pontos de referência do coração ao horizonte fechado da sua imanência e dos seus interesses e, conseqüentemente, não aprende com os seus pecados nem está verdadeiramente aberto ao perdão. É uma tremenda corrupção, com aparências de bem. Devemos evitá-lo, pondo a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres. Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho!¹¹

Se a gnose qualifica, hoje, a direita católica, o pelagianismo é um legado da esquerda. Uma herança que atualmente caracteriza a mentalidade de tantos conservadores. Ela deriva da ideia correta que o agir do cristão traz uma contribuição nova ao mundo. Um agir, claro, iluminado e guiado pela Graça. Mas, no entanto, nos pelagianos a Graça se torna um “pressuposto”, não um pedido. Eles partem do pressuposto de que a fé garante os melhores, mais perfeitos e seguros resultados e, a partir

disso, fazem um julgamento de condenação sem apelo ao mundo exterior. Esquecem que aquilo que são e o que têm não são “propriedade” sua, mas um dom que deve ser pedido todos os dias. Uma riqueza para ser grato, e não presunçoso. Ao criticar essa pretensão, que se casa com a posição gnóstica em seu elitismo crítico em relação às massas, Francisco se encontra plenamente com Santo Agostinho. Em *Gaudete et exultate* escreve que:

Quem se conforma a esta mentalidade pelagiana ou semipelagiana, embora fale da graça de Deus com discursos adocicados, ‘no fundo, só confia nas suas próprias forças e sente-se superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico’. Quando alguns deles se dirigem aos frágeis, dizendo-lhes que se pode tudo com a graça de Deus, basicamente costumam transmitir a ideia de que tudo se pode com a vontade humana, como se esta fosse algo puro, perfeito, onnipotente, a que se acrescenta a graça. Pretende-se ignorar que ‘nem todos podem tudo’, e que, nesta vida, as fragilidades humanas não são curadas, completamente e duma vez por todas, pela graça. Em todo o caso, como ensinava Santo Agostinho, Deus convida-te a fazer o que podes e ‘a pedir o que não podes’; ou então a dizer humildemente ao Senhor: ‘dai-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes’. No fundo, a falta dum reconhecimento sincero, pesaroso e orante dos nossos limites é que impede a graça de atuar melhor em nós, pois não

¹¹ PAPA FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 96-97.

lhe deixa espaço para provocar aquele bem possível que se integra num caminho sincero e real de crescimento. A graça, precisamente porque supõe a nossa natureza, não nos faz improvisamente super-homens. Pretendê-lo seria confiar demasiado em nós próprios. Neste caso, por trás da ortodoxia, as nossas atitudes podem não corresponder ao que afirmamos sobre a necessidade da graça e, na prática, acabamos por confiar pouco nela. Com efeito, se não reconhecemos a nossa realidade concreta e limitada, não poderemos ver os passos reais e possíveis que o Senhor nos pede em cada momento, depois de nos ter atraído e tornado idôneos com o seu dom. A graça atua historicamente e, em geral, toma-nos e transforma-nos de forma progressiva. Por isso, se recusarmos esta modalidade histórica e progressiva, de fato podemos chegar a negá-la e bloqueá-la, embora a exaltemos com as nossas palavras¹².

3. O novo equilíbrio entre *kerygma* e moralidade

A Igreja precisará redescobrir a correta relação entre Graça e liberdade, sobrenatural e natureza, se quiser sair da mundanização. Trata-se da aplicação da lei da polaridade que, em paralelo, requer um novo equilíbrio entre a doutrina moral cristã e o *kerygma*. Após a queda do Muro de

Berlim, em 1989, a Igreja aceitou o modelo da globalização, sem contestar o seu paradigma tecnocrático e suas derivas sociais. Reage apenas às consequências éticas no que dizem respeito às esferas da vida e da família. Terminada a estação quente do compromisso histórico de esquerda, típico dos anos 70, caracterizado pelas teologias políticas, da revolução, da esperança etc., assiste-se a uma espécie de refluxo, de recolhimento a um recinto protegido. O compromisso com o mundo ficou reduzido à defesa de um conjunto de valores, definidos e selecionados, derivados da ética e da antropologia cristã ameaçadas pela onda relativista, característica do novo tempo. A atenção à questão social é diminuída e a percepção de uma Igreja missionária, projetada além das próprias fronteiras, na dimensão do “encontro” é grandemente reduzida. O processo de secularização no mundo cristão determina uma *reação ética*. A Igreja se opõe, mas não é capaz, positivamente, de pôr-se, de afirmar uma tipologia humana em que a “atração de Jesus” seja mais forte do que o apelo estético da sociedade opulenta. Daí a correção do Papa. Mais uma vez, trata-se de restabelecer a relação correta entre contemplação e ação, de colocar em primeiro plano o que vem primeiro. Neste caso, o “primeiro” é dado pelo anúncio da fé. De acordo com a dialética polar, ele quer trazer à tona

12 PAPA FRANCISCO, *Gaudete et exsultate*, n. 49-50.

a dimensão missionária da Igreja que, nas últimas décadas, caiu em segundo plano. Para isso, como ele diz na entrevista com o padre Spadaro:

Não podemos insistir apenas em questões relacionadas ao aborto, ao casamento homossexual e ao uso de métodos contraceptivos. [...]. Os ensinamentos, tanto dogmáticos quanto morais, não são todos equivalentes. Uma pastoral missionária não está obcecada com a transmissão desarticulada de uma multidão de doutrinas a serem impostas com insistência. O anúncio missionário se concentra no essencial, no necessário, que é também o que fascina e atrai mais, o que faz o coração queimar, assim como aos discípulos de Emaús. Devemos, portanto, encontrar um novo equilíbrio, caso contrário, até mesmo a construção moral da Igreja corre o risco de cair como um castelo de cartas, de perder o frescor e o perfume do Evangelho. A proposta evangélica deve ser mais simples, profunda e irradiante. É dessa proposta que depois vêm as consequências morais¹³.

O mesmo conceito, a urgência de encontrar novo equilíbrio no pensamento católico, é repetido, com palavras quase idênticas, na *Evangelii gaudium*, nos parágrafos 34-39. Trata-se de uma escolha ponderada, e não de uma cedência ao relativismo, como dizem, de modo míope, certos setores do mundo católico que, sobre este ponto, o con-

trastam polemicamente o ensinamento de Ratzinger com o de Bergoglio. Onde o mundo agora se apresenta como “pagão”, o cristianismo não pode ser proposto simplesmente partindo de suas consequências éticas. Estas podem ter, no nível civil, um valor *katechontico*, no sentido paulino. Podem, portanto, conter, reter, uma deriva antropológica niilista, mas não já positivamente gerar fé nos corações dos homens. Se o objetivo hoje é a comunicação do cristianismo em sua forma simples e essencial, então o testemunho se torna forma privilegiada de presença. O testemunho, e não, *in primis*, a posição dialética. O cristianismo não é, em sua essência, dialético: é uma *afirmação* que não precisa de inimigos para ser. Neste ponto, Francisco está em total harmonia com seu antecessor, Bento XVI. “Ele [Bento XVI] disse que a Igreja cresce por testemunho, não por proselitismo”¹⁴, e, novamente, sempre citando Bento XVI: “Ser cristão não é o resultado de uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que oferece à vida um novo horizonte e, assim, a direção decisiva”¹⁵. Trata-se de uma declaração que bem duas vezes volta no documento

13 PAPA FRANCISCO, *La mia porta è sempre aperta*, cit., p. 62.

14 FRANCISCO, *Svegliate il mondo*, La Civiltà Cattolica, 3925 (2014), p. 4.

15 BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 1, cit. in FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 7.

final da Igreja na América Latina em Aparecida, 2007. Uma frase que marca a superação da ideologia eticista, que qualifica boa parte do catolicismo contemporâneo.

A prioridade do *encontro* significa a *fisicalidade* do cristianismo, a proximidade sensível, uma proximidade afetiva e amorosa. A tragédia da Igreja, nas últimas décadas, tem sido a *distância*: os bispos dos presbíteros, o clero do povo. A *burocratização* eclesiástica tem sua contrapartida no desaparecimento do “pastor com cheiro de suas ovelhas”, na multiplicação inútil de reuniões, conferências, documentos que ninguém nunca lerá, no formalismo da linguagem, no vazio de sermões que não levam a nada de *real*, de *acontecido*, de *verdadeiro*. O testemunho como *encontro* indica, para o Papa, uma proximidade pessoal, afetiva, gratuita, que não exige nada, que não deseja senão a felicidade e o bem do outro. Marcante a confissão de Francisco ao padre Spadaro: “Eu posso olhar para as pessoas individuais, uma de cada vez, entrar em contato de maneira pessoal com quem está na minha frente. Eu não estou acostumado com as massas”¹⁶. O encontro é uma *modalidade de ser* que, em um mundo anônimo e convulsivo, torna presen-

te o rosto de Cristo, o olhar cheio da ternura de Cristo por *cada* um dos seres humanos.

4. Verdade e misericórdia

A ternura de Deus nos introduz n’outro par polar, cujo correto equilíbrio deve ser restaurado: Verdade e Misericórdia. No mundo de hoje, marcado pela frieza, só a misericórdia, testemunho que provém do coração de Deus, pode, segundo Francisco, despertar uma humanidade bloqueada. A prioridade da misericórdia, acompanhada por juízo histórico, corresponde aos “sinais dos tempos”. “Sim, acredito que esta é a hora da misericórdia. A Igreja mostra o rosto materno, seu rosto de mãe, à humanidade ferida. Ela não espera os feridos baterem à porta, ela vai procurá-los nas ruas, recolhe-os, abraça-os, cuida deles, faz com que se sintam amados. Eu disse então [julho de 2013, viagem de retorno do Rio de Janeiro] e estou cada vez mais convencido de que este é um *kairós*, a nossa época é um *kairós* de misericórdia, um tempo oportuno”¹⁷.

16 PAPA FRANCISCO, *La mia porta è sempre aperta*, cit., p. 14

17 FRANCISCO, *Il nome di Dio è misericordia. Una conversazione con Andrea Tornielli*, Milano: Piemme, 2016, p. 22.

Francisco mostrou como ser cristão em nosso tempo histórico. A prioridade da misericórdia não indica uma caracterização irênica da fé, uma oposição entre verdade e misericórdia. *A misericórdia não se afirma “contra” a verdade, mas como manifestação da verdade.* É um típico caso de verdade antinômica, polar e não disjuntiva. Este ponto é da maior importância, mas não foi compreendido, após a publicação do Exortação Apostólica **Amoris laetitia**, em 2016, por aqueles que repetiram críticas a Francisco acusando-o de dar prioridade à dimensão pastoral, em comparação à doutrina, de mitigar o valor objetivo de verdade, em favor da práxis, de romper com a tradição de dois mil anos da Igreja sobre o matrimônio e sobre os sacramentos.

Na verdade, em *Amoris laetitia*, não há cedência ao praxismo ou ao relativismo moral. A doutrina da indissolubilidade do casamento é mantida, em sua absoluteza, sem conceder nada à possibilidade, por exemplo, de um segundo casamento, como acontece na Igreja Ortodoxa. A novidade que *Amoris laetitia* traz à doutrina tradicional reside na possibilidade, em casos específicos e especiais, de o sacerdote confessor poder, avaliando motivos, consciência e situação concreta do novo casal, depois de atento discernimento, permitir o

acesso à Eucaristia. Com isso, não estamos diante de uma cedência à “ética da situação”, como querem seus críticos¹⁸. A acusação de que Francisco opõe Misericórdia e Verdade é infundada. A oposição entre os dois momentos – verdade e misericórdia – contrasta tanto com a teoria da polaridade, quanto com a doutrina da unidade dos transcendentais, eixos que sustentam o pensamento de Bergoglio.

Na relação entre Verdade e Misericórdia, estamos diante de dois polos em tensão, unidos e indissociáveis¹⁹. A tensão é entre o valor universal do verdadeiro e a prática da misericórdia, que é sempre particular. Os dois polos se implicam de tal modo que nenhuma moral da situação pode relativizar a verdade, assim como nenhum doutrinário abstrato pode suprimir a modalidade específica da caridade, requerida pela própria verdade. Por essa ra-

18 Para uma resposta aos críticos, cfr. *Conversazione con il cardinal Schönborn sull' “Amoris laetitia”*, entrevista a cura do A. Spadaro, “La Civiltà Cattolica”, 3986, (2016), pp. 130-152; COCCOPALMERIO, F., *Il capitolo ottavo della esortazione apostolica post-sinodale Amoris laetitia*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017; ANTONELLI, E.; BUTTIGLIONE, R., *Terapia dell'amore ferito in “Amoris Laetitia”*, Milano: Edizioni Ares, 2017.

19 Cfr. COTTIER, G.; SCHÖNBORN, C.; GARRIGUES, J. M., *Verità e misericordia*. Conversazioni con P. Antonio Spadaro, Milano: Ancora, 2015.

ção, *Amoris laetitia* não oferece “uma nova norma geral de tipo canônico, aplicável a todos os casos. É possível somente, em casos particulares, encorajar um responsável discernimento pessoal e pastoral. Deve-se reconhecer que, se ‘o grau de responsabilidade não é igual em todos os casos’, as consequências ou efeitos de uma regra não precisam ser necessariamente sempre iguais”²⁰.

A respeito disso, a Exortação cita Tomás de Aquino: “Embora nos princípios gerais tenhamos o carácter necessário, todavia à medida que se abordam os casos particulares, aumenta a indeterminação (...). No âmbito da ação, a verdade ou a rectidão prática não são iguais em todas as aplicações particulares, mas apenas nos princípios gerais; e, naqueles onde a retidão é idêntica nas próprias ações, esta não é igualmente conhecida por todos. (...) Quanto mais se desce ao particular, tanto mais aumenta a indeterminação”²¹. Comentando Santo Tomás, o Papa escreve: “É verdade que as normas gerais apresentam um bem que nunca deve ser ignorado ou transcurado, mas, em sua formulação, não podem abarcar absolutamente todas as situações particulares. Ao mesmo tempo é ne-

cessário dizer que exatamente por este motivo, o que faz parte do discernimento de uma situação particular não pode ser elevado à categoria de norma”²².

Portanto, a lacuna entre universal e particular permanece, uma lacuna que não pode ser removida por nenhuma relativização da norma. A tensão polar é inatingível. A mediação é dada pelo discernimento que tem como propósito não fechar a ninguém o caminho para Deus, *por meio de um julgamento que une o universal (a lei canônica) e o caso particular, que une Verdade e Misericórdia*. Isso impede generalizações “abstratas”, incapazes de confrontarem-se com a realidade. Assim, levando em conta casos particulares, a Verdade, minimamente atenuada em seu valor de norma, pode aparecer como Misericórdia, porque “a misericórdia não exclui a justiça e a verdade, mas, antes de tudo, temos de dizer que a misericórdia é a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus. Por isso, convém sempre considerar inadequada qualquer concepção teológica que, em última instância, ponha em dúvida a própria onipotência de Deus e, especialmente, a sua misericórdia”²³.

20 PAPA FRANCISCO, *Amoris laetitia*, n. 300.

21 Op. cit. & 304. A citação de Tomás é tirada da *Summa Theologiae I-II*, q. 94, art. 4.

22 PAPA FRANCISCO, *Amoris laetitia*, n. 304.

23 PAPA FRANCISCO, *Amoris laetitia*, n. 311.

Confirma-se, assim, o ponto firme do pensamento e do magistério de Bergoglio. A verdade cristã, sem qualquer cedência praxista, coincide com o rosto de Deus, isto é, com a Misericórdia. Um ponto que, além de ter um significado perene para a fé, coincide com o *kairós* que o momento histórico exige. Sobre este ponto, a percepção espiritual de Francisco coincide plenamente com a do Papa emérito, Bento XVI. Afirma o papa Ratzinger em entrevista com o teólogo jesuíta Jacques Servais:

Para mim, é um ‘sinal dos tempos’ que a ideia da misericórdia de Deus se torne cada vez mais central e dominante. [...] O papa João Paulo II – continua Ratzinger – estava profundamente impregnado por esse impulso, mesmo que isso nem sempre aparecesse explicitamente. Mas certamente não é por acaso que seu último livro, que veio à luz logo antes de sua morte, fala da misericórdia de Deus [...] O papa Francisco – continua Bento, citando seu sucessor – está completamente de acordo com esta linha. Sua prática pastoral se expressa precisamente no fato de ele nos falar constantemente sobre a misericórdia de Deus. É a misericórdia que nos move em direção a Deus, enquanto a justiça, diante dele, nos assusta.²⁴

As palavras de Bento XVI têm o valor de uma importante confirmação da perspectiva do papa Bergoglio. Elas desenham o fio condutor que une os três últimos pontificados. Para Bento, assim como para Francisco, a insistência na misericórdia configura, por um lado, a própria essência do cristianismo, e, por outro, a resposta adequada aos desafios que o mundo contemporâneo apresenta à fé, resposta adequada à pergunta que este dirige à Igreja. No Ocidente, marcado pelo niilismo, e no resto do mundo caracterizado por “retornos” fundamentalistas, a via do amor, a terceira indicada por von Balthasar em seu livro ***Solo l’amore è credibile***, além daquela cosmológica dos antigos e daquela antropológica dos modernos, é a mais certa. Não há outra via para sair do ceticismo profundo, existencial e metafísico que caracteriza o tempo presente.

24 BENTO XVI, “*E’ la misericordia che ci muove verso Dio*”, entrevista a cura de J. Servais, “Vatican Insider”, 16/03/2016.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Koenigs, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana Maria Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier

- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedetto Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *"Ite, missa est!": A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio "Summorum Pontificum"* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight

- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais* – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vitor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

- N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
- N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inacio João Stadelmann
- N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber
- N. 110 *A Encíclica Laudato Si' e os animais* - Gilmar Zampieri
- N. 111 *O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco* – Christoph Theobald
- N. 113 *Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos* – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade* – Giuseppe Fumarco
- N. 115 *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 *A Igreja em um contexto de "Reforma digital": rumo a um sensus fidelium digitalis?* Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?* – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 *Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas* – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 *A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica* – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 *Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política* – Amos Yong
- N. 121 *Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída* – Tea Frigerio
- N. 122 *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental* – Colby Dickinson
- N. 123 *A sensibilidade religiosa de Thoreau* – Edward F. Mooney
- N. 124 *Diáconas na Igreja Maronita* – Phyllis Zagano
- N. 125 *Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 *Teologalidade das resistências e lutas populares* – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 *A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão* – Colby Dickinson
- N. 128 *O Princípio Pluralista* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 *Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética* – Ivone Gebara
- N. 130 *Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben* – Joel Decothé Junior
- N. 131 *A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval* – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes



Massimo Borghesi. Professor de Filosofia Moral no Departamento de Filosofia, Ciências Sociais, Humanas e da Formação da Universidade de Perugia, na Itália. De 2000 a 2002, foi diretor da Cátedra Bonaventuriana na Pontifícia Universidade Bonaventura de Roma. É membro do conselho científico das revistas *Studium e Atlantide*. É consultor da revista *Humanitas*, de Santiago do Chile.

Algumas publicações do autor

BORGHESI, Massimo. Secularización y nihilismo. Cristianismo y cultura contemporânea. *Pensamiento. Revista de Investigación e Información Filosófica*, vol. 64, n. 241, p. 553-556, 2015.

_____. Una Biografía intelectual de Jorge Mario Bergoglio. *Humanitas*, Vol. 22 Issue 86, p512-527. 2007

_____. La era del espíritu. *Humanitas*, vol. 14, n. 53, p. 90-99, 2009

Outras contribuições

BORGHESI, Massimo. Descobrimo o pensamento do papa Bergoglio. É publicada a primeira biografia “intelectual” de Bergoglio. Entrevista publicada por **IHU On-Line**, em 06 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573330>>.

_____. A revolução de Francisco em um mundo aos pedaços. Balanços da caminhada de três anos de pontificado. Entrevista publicada por **IHU On-Line**, em 30 de março de 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/552949>>.

_____. Depois da Viagem para o Egito, as críticas ao papa, entre má-fé e mística. Artigo publicado por **IHU On-Line**, em 02 de maio de 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/eventos/567196>>

